

OUTROS DIVERTIMENTOS DA POPULAÇÃO NEGRA

META

O aluno deverá perceber a diversidade de manifestações culturais de origem afro que existiam no século XIX

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
analisar as manifestações culturais da população negra

PRÉ-REQUISITOS

o aluno deverá ter compreendido a noção de festa negra apresentada na aula anterior.



O bambelô é uma dança de roda, divertimento e desafio entre repentistas, para ver quem melhor improvisa. O acompanhamento das cantigas é feito com ganzás e tambores. Caracteriza-se pela dança de solista que faz galanteios coreográficos, normalmente a umbigada ou uma vênica, em frente a uma dama, que por sua vez, reponde com gingadas de corpo, conforme a música. Os dançarinos postam-se lado a lado, num semi-círculo, onde a solista entra, canta seu ponto, dança e se retira.

(Fontes: <http://2.bp.blogspot.com>)

INTRODUÇÃO

O conjunto do que pode ser chamado de festas negras ia além das promovidas pelas irmandades negras, pois nessa categoria de festejos negros podemos incluir os chamados batuques. Estudos apontam a existência de batuques associados a africanos e seus descendentes bem como a sua repressão em várias localidades, dentre elas no Rio de Janeiro, Salvador, no Recôncavo Baiano, Recife e em algumas localidades sergipanas. Através dos batuques surgiram diversas danças, dentre elas o lundu ou baiano, coco, bambelô, tambor de crioulo, jongo, caxambu, bate-baú e das várias variedades do samba baiano e carioca. Além da umbigada também chamada de quizomba, que era a dança simbólica das danças rituais e do lembramento (casamento). Salientamos que na Bahia, Recife e possivelmente em Sergipe nos oitocentos, recebiam o nome de batuque e brinquedo várias manifestações afro-culturais, dentre elas o samba, candomblé e a capoeira. Os dois últimos não farão parte do escopo dessa aula, pois teremos aulas específicas para tratar das temáticas do candomblé e da capoeira. Além dos batuques, também nos deteremos na participação dos negros nos carnavais, que não ocorria somente através dos citados batuques, mas também com seus blocos carnavalescos e afoxé. Desse modo, nesta aula objetivamos abordar alguns momentos de lazer dos negros, através de algumas danças e festas que eles participaram nas localidades mencionadas.



Afoxé Filhos de Ganghy, o maior do mundo, que em 2009 completou 60 anos e ganhou uma nova sede no bairro do Ribeira, em Salvador.
(Fontes: <http://oglobo.globo.com>)

No decorrer do século XIX, os dicionários oitocentistas começam a distinguir os batuques dos batuques com feitiçaria. E entre os batuques havia a distinção entre uma dança com sapateados, com a utilização de palmas, acompanhados de tambor. Os jornais apontam a existência de dois tipos de samba, o africano e o nacional. E o dicionário oitocentista revela algumas distinções, o citado anteriormente seria o de africano e o dos crioulos, além das palmas e tambor, também teria viola e pandeiro. Nos jornais baianos do século XIX, aparecem os termos “samba”, “batuque” e “pagode”, mostrando umas sutis diferenças entre os dois primeiros, o uso do pandeiro e das umbigadas no samba enquanto nos batuques são frequentes as referências ao “tabaque” que predominava toques mais fortes. Já em Recife o nome samba aparece na documentação apenas no final do século XIX. (MAIA, 1995; SANTOS, 1997)

Para Mary Karash e Jocelio Santos, o batuque é proveniente de Angola e do Congo. Utilizando de africanistas, os autores descrevem o batuque nas duas regiões e as distinções que existiam. Em Angola, formava um círculo com as pessoas que iriam dançar, as que assistiriam e os músicos. No interior do círculo ficavam dois ou três pares compostos de dançarinos de ambos os sexos que executavam movimentos leves nos pés, na cabeça e nos braços que aceleravam à medida que a música se intensificava, quando havia um requebro nos quadris. À medida que as pessoas se cansavam eram substituídas por outras pessoas que realizavam os mesmos movimentos. Em Luanda, a diferença é que a pessoa que está no centro anuncia quem vai sair e chama a outra brincante para a roda através do semba ou embigada. (KARASH, 2000; SANTOS, 1997) Ainda sobre a África, entre os iorubas, a música estava presente em casamentos, funerais, procissões dentre outros. Os músicos pediam dinheiro com seus tambores, homenageavam deuses e líderes. A música marcava os momentos de lazer e de trabalho, alguns viajantes oitocentistas retrataram os africanos trabalhando coletivamente e usando a música para marcar o ritmo do trabalho. (REIS, 2002) Essa importância atribuída à música e às danças em locais distintos do continente africano, contribui para entendermos os motivos dos africanos resistirem à repressão que ocorreu aos seus batuques. Além dos mesmos serem um importante momento de sociabilidade e lazer para os negros.

BATUQUES: SIGNIFICADOS E PARTICIPANTES

Em meados do XIX, na bahia a festa era um momento de reviver os valores africanos e os que já existiam na colônia. A festa era um momento de folga, de quebra de rotina no trabalho. E a partir da festa foi possível construir ritos de identidades étnicas dos africanos, reuniões solidárias entre escravos e libertos, competições e conflitos entre os integrantes das festas e ensaios de revoltas contra os senhores. Essas festas e danças negras se

realizavam nas ruas, becos das grandes cidades e das pequenas vilas, no interior dos engenhos e fazendas, de maneira mais escassa no interior das casas e nas prisões. E em Salvador, o samba também encontrou espaço entre os praças de linha que se divertiam no interior dos quartéis, instalados nos fortes como o de São Pedro. Em Recife, além dos locais mencionados, os batuques também ocorriam em casas comerciais como as tabernas ou estabelecimentos de prostituição, ou em casas de batuque, e no final dos oitocentos surgiu o termo casa de samba como mais um local que ocorria os batuques. Ressaltamos que em Recife o termo casa de batuque tinha dois sentidos, o de Terreiro de Xangô, que ocorriam as cerimônias religiosas e o de local comercial, que ocorriam as bebedeira e batuques, um local de lazer sem conotação religiosa. Para Maia, essas casas de batuque eram territórios negros, que ocorria solidariedade entre a população negra, africanos e crioulos, e os homens pobres. (MAIA, 1995; REIS, 2002; SANTOS, 1997)

Os ditos festejos e danças dos negros tinham vários significados, eram realizados em várias localidades, em momentos distintos e com participantes diferenciados, crioulos e africanos. Todos esses elementos confundiam as autoridades oitocentistas baianas que discordavam sobre as ações a serem adotadas nas festas. Alguns acreditavam que a festa poderia evoluir para uma rebelião, já que as festas eram associadas aos africanos e que era a parte mais rebelde da população. Outros defendiam que as festas dificultavam a europeização dos costumes, esse discurso foi efetivo principalmente no pós independência. Próximo a esse discurso temos o dos médicos que queriam higienizar espaços públicos com o intuito de controlá-los socialmente e normatizar o corpo no sentido físico, moral e social. Esses discursos tiveram nos jornais grandes aliados que perseguiram os sambas e batuques, pois os mesmos ofenderiam a moral, aos bons costumes e a decência. E ainda havia os que apontavam que a festa diminuiria as tensões sociais cotidianas. Assim havia os que defendiam o direito dos escravos a terem suas festas e outros que pregavam que as mesmas tinham que ser disciplinadas e reprimidas. Ressaltando que não havia apenas escravos nas festas, mas também libertos; africanos e crioulos. Na segunda metade do século XIX, o número de africanos diminui por conta do encerramento do tráfico e aos poucos os africanos se tornam minoria nas rodas de samba. Além dos crioulos, os mulatos passaram a ter uma presença mais efetiva, como também os pardos e até mesmo pessoas das classes subalternas. Todavia os batuques em Salvador ainda eram ajuntamentos majoritariamente de negros. E entre esses negros havia homens e mulheres. (REIS, 2002; SANTOS, 2007; SANTOS, 1997) Em Recife, nas casas de batuque também se reunia escravos fugidos, capoeiras, criminosos fugidos e procurados pela polícia. (MAIA, 1995) Em Sergipe, jovens com 15 anos já gostavam de batucar, como Luís mulato e alguns policiais também participavam dos batuques na capital sergipana. (AMARAL, 2007).

Na Bahia oitocentista, homens e mulheres participavam dos sambas e batuques, no entanto, as mulheres eram maioria ou únicas em algumas dessas atividades. Muitas das atividades laborais das mulheres negras eram

nas ruas, lavando roupas nos diques ou nas fontes, vendendo seus produtos. Esse cotidiano permitiu que as mesmas construíssem uma sociabilidade, conversassem e se divertissem. Enfim, possuísem uma autonomia. Por isso, havia uma participação maior das mulheres que dos homens em batuques, sambas e lavagens. Essa participação rendia as mulheres uma má fama, a classificação de promíscuas, desordeiras, prostitutas e selvagens. Essas mulheres frequentemente eram descritas como seminuas, ou nuas. Segundo Jocélio Santos, essa descrição era fruto da comparação das roupas que algumas negras usavam, sobretudo determinadas africanas, com as tidas como senhoras baianas. As primeiras usavam camisa branca folgada e fina, por isso, o ombro e o seio frequentemente ficavam à mostra. Já as segundas, usando a moda europeia como referência, buscavam o que era tido como compostura ao se vestir. (SANTOS, 1997)



Cena de Carnaval - Jean Baptiste Debret

(Fonte: KOSSOY, Boris & CARNEIRO, Maria Luiza T. O Olhar Europeu: O Negro na Iconografia Brasileira do Século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002).

Juntamente com essas mulheres classificadas como desordeiras havia os capadócios e depravados também batucando. Salientamos que capadócios era uma das maneiras que se chamava o capoeira. Por esses elementos, e por conta dos discursos de higienização, civilização, desafricanização, os jornais discursavam que o samba era tido como um espaço que frequentava o pior tipo de pessoas, associadas à ideia de pessoas que não tinham ocupação. Os adjetivos e expressões utilizadas para descrever e caracterizar os batuques na Salvador oitocentista eram estrondosos, se referindo aos atabaques, à existência de vozerias, algazarras contínuas, palavrões. (SANTOS, 2007, SANTOS, 1997) Ressaltamos que nos batuques recifenses, por conta de desavenças pessoais e bebedeiras havia alguns conflitos entre os participantes dos batuques. (MAIA, 1995)

Dentre os materiais utilizados nos batuques temos o tambor, pois o

mesmo se constitui no instrumento musical maior da celebração africana. Ressaltamos que nem todos os tambores eram atabaques, também havia os chocalhos, a zabumba, as palmas e os assovios também eram usados como instrumentos. Segundo Arthur Ramos, dentre os instrumentos sudaneses de percussão temos o agogô, o ouji tambor de guerra, além outros usados no cotidiano como: as trompas e os akása; entre os instrumentos bantus se destacam a gaeta; a puíta ,espécie de tambor indígena; o humbo, instrumento de corda e as marimbas, além da buzina, trombeta feita de chifre. (RAMOS, 2007) Através dessa descrição de instrumentos percebemos que nas danças dos negros havia uma reunião de instrumentos de diversas localidades africanas. Karash também pontua uma grande diversidade de instrumentos utilizados pelos escravos, bem como os formatos e tamanhos, exemplos são os tambores, que eram grandes e pequenos; a chocalha de cuia; a marimba que era feita de cuia ou de cabaça, ou também de casca de coco. Havia também os instrumentos amiúdes que Debret dividiu em três: viola de angola, violão e o urucungo, semelhante ao berimbau. Esses instrumentos de corda das tradições africanas explicam um pouco a facilidade dos escravos em tocar instrumentos europeus; utilizados nas sinfônicas, orquestras e bandas e coros de igrejas. Por fim, os jornais baianos oitocentistas, além dos atabaques, também apontam os urucangos, pratos, pandeiros e até berimbaus nos sambas de Salvador. (KARASH, 2000; SANTOS, 1997)

O toque de tambores significava que os negros, escravos e libertos, não deixavam escravizara culturalmente. E no campo ou nas suas proximidades mesmo, nas localidades mais afastadas das cidades, os escravos tinham mais autonomia para batucar, apesar dos senhores das cidades permitirem seus escravos batucarem, havia repressão das autoridades policiais e dos jornais. A festa era um ato negociado entre escravos e seus senhores. (Reis, 2000)

Além dos instrumentos, outra presença marcante nos sambas dos oitocentos era a cachaça, tanto em Salvador como em Recife. Na capital pernambucana alguns batuques ocorriam nas tabernas regados a cachaça. Havia fiscalizações e repressões aos taberneiros por permitirem que os negros se juntassem, batucassem e bebessem. Quando os policiais fechavam alguma taberna, os negros procuravam outra taberna para continuar suas conversas, batuques e bebidas. A estratégia dos negros era circular entre as diversas tabernas, a fim de continuarem seu lazer. Segundo Maia havia uma aliança entre os frequentadores das tabernas e os seus proprietários. Para Jocelio Santos, o consumo de cachaça era um ato social. E após alguns sambas havia verdadeiros banquetes regados a peixes, mocotós, camarões e sururus. (MAIA, 1995; SANTOS,1997).

BATUQUES EM ALGUMAS LOCALIDADES BRASILEIRAS

Há notícias de festas de africanos realizadas às vésperas do Natal de 1808 em Santo Amaro no Recôncavo Baiano, esses africanos se organizavam na Vila de acordo com as suas nações, angolas, jejes, haussás dentre outros. No relato da festa, a autoridade não se conformava por conta da abundante comida e bebida existente na festa e paga pelos africanos. O que indica que os escravos de ganho, os escravos que tinham acesso às roças juntamente com os libertos patrocinavam a festa. Alguns senhores liberavam seus escravos e. O padre de Santo Amaro criticou mencionando que eles não estavam festejando o Natal e que as aulas de catequese não estavam surtindo o efeito esperado. Em Maruí, Província de Sergipe, na segunda metade do século XIX, os negros também dançavam de maneiras distintas na Noite de Natal, além de dançar soltavam foguetes. E os quilombolas também batucavam nas noites de Natal e de São João nas terras sergipanas, como foi o caso do Natal de 1872 que Mulungu e seus companheiros batucaram durante a noite. (REIS, 2002; AMARAL, 2007; JESUS, 2008)

O calendário dos batuques estava associado ao calendário religioso e cívico da cidade de Salvador, do Recôncavo Baiano e possivelmente em Sergipe. Ou seja, os negros aproveitavam os feriados, seus momentos de folga para se divertirem. Assim os batuques e sambas era comuns nas festas de Natal, nos festejos juninos, nas novenas, ou ainda para comemorar a saída das tropas pernambucanas que foram a Bahia esmagar a Sabinada ou no Dois de Julho. Além dos feriados os sambas também ocorriam nos sábados e domingos, preferencialmente durante as noites e madrugadas.

As festas do Bonfim em Salvador eram um exemplo de festa negra. Os viajantes mencionam que no final da procissão havia vários negros reunidos com seus divertimentos. Também há notícias de negros pedindo permissão à Câmara para utilizarem suas danças e atabaques. Os pagodes, como os jornais também denominaram os sambas, ocorriam nos dias que antecediam a procissão e após a mesma. Os sambas ocorriam durante a noite e a madrugada. No alvorecer do dia ocorriam os banquetes. E logo após retornavam os sambas. Ressaltamos que os sambas eram atividades de lazer, mas em que algumas situações também estavam presentes elementos da religiosidade afro. (REIS, 2002; SANTOS, 1997)



Fotografia atual da festa do Bomfim em Salvador.

Na primeira metade do século XIX, quando a presença de africanos era mais efetiva nas ruas e fazendas de Salvador e do Recôncavo, a festa possibilitava manter os rituais que separavam as nações africanas e a solidariedade no interior de cada nação e entre nações. Na Bahia o sexto Conde da Ponte (1805-1809) acreditava na repressão sem descanso para por fim aos batuques. Assim, ele recomendava que ajuntamentos de escravos deveriam ser evitados. Seu sucessor, o oitavo Conde dos Arcos (1809-1818) considerava necessário tolerar os batuques de negros como forma de preservação da ordem escravista. Para o mesmo a festa faria o africano esquecer a jornada árdua do trabalho e contribuiria para a divisão étnica, pois cada nação festejaria em separado. (REIS, 2002) Através desses personagens, percebe-se que tolerar ou reprimir estava presente nas estratégias de setores da elite para chegar à civilização. Em Recife também há notícias de ajuntamentos de africanos de uma mesma nação que se reuniam para batucarem e, possivelmente, cantarem na sua língua. (MAIA, 1995)

Segundo João José Reis, as festas negras possuíam significados que extrapolavam as relações do sentido horizontal e vertical. E tanto a repressão como a tolerância às festas não acabaria com as revoltas. Nas primeiras relações, as horizontais que tinham com outros negros nas festas afirmavam e construíam alianças étnicas, como também propiciavam disputas. No sentido vertical, as festas possibilitavam debates e estratégias distintas entre os senhores, autoridades policiais, civis e eclesiásticas. Os senhores queriam controlar os escravos, para isso era necessário estabelecer onde e horários de trabalhar, do mesmo modo quando e como deveriam ser os momentos de folga. Enquanto os escravos queriam autonomia para organizar seu momento de lazer. (REIS, 2002)

Pós 1822, várias posturas municipais e editais da polícia foram criadas e publicadas com o intuito de disciplinar a população, livres, libertos e escravos; sobretudo os africanos e seus descendentes, restringindo suas áreas de circulação, impedindo que os mesmos saíssem dos seus trabalhos para irem aos batuques e que causassem danos a propriedade senhorial através de morte de escravos provenientes de conflitos. Através desses editais e posturas, também tentava acabar com as desordens e promiscuidade dos negros. Retirando os costumes dos “bárbaros africanos”, dessa maneira conseguiria civilizar e diminuir as possibilidades de rebeldias. Lembrando que esse período é de grandes revoltas na Bahia, por isso a associação de batuques a levantes. Na Bahia, houve uma resolução de 25 de fevereiro de 1831 que perdurou até 10 de julho de 1889 que proibia lundus, vozerias, batuques, danças de pretos, alaridos e sambas. (REIS, 2002, SANTOS, 2007, SANTOS, 1997)

Pós 1835, os batuques foram ainda mais reprimidos e eram confundidos com ataques a ordem. Mesmo os libertos sofriam restrições de circulação e de batucar. Assim, escravos e libertos que fossem pegos após o toque de recolher nas ruas e batucando, sofreriam penas como a prisão de oito dias e o espancamento através de chibatadas. Juntamente com as autoridades na repressão, estavam os jornais que denunciavam e descreviam os batuques para as autoridades policiais. Os jornais caracterizavam as danças negras como sensuais

e sensualidade não rimava com civilização. Além do discurso civilizador, nos jornais constava sempre o temor das revoltas que podiam ocorrer por conta dos ajuntamentos de escravos feitos nos batuques. Muitos são os relatos de cenas de confronto entre a polícia e populares em seus divertimentos e cerimônias religiosas. Eram as manifestações noturnas, como as de caráter religioso, que mais preocupavam a polícia, principalmente se envolvessem grande número de escravos. Festas onde os negros dançavam sem parar durante toda a noite, geralmente aos sábados e nas noites anteriores aos dias santos. (REIS, 2002)

Ressaltamos que os conflitos entre polícia e os praticantes de batuques ocorreram em outras localidades. Todavia, a postura de polícia não foi apenas de repressão, pois havia policiais que participavam e eram constantes as reclamações nos jornais que à polícia era omissa aos batuques. Em Recife, por exemplo, no mesmo período, a posição da polícia também era ambígua, reprimia e tolerava os batuques, pois alguns policiais faziam parte do grupo chamado de homens de cor e por isso encobriam alguns delitos dos seus pares. E os frequentadores das casas de batuque resistiram a repressão policial, segundo Maia, para eles bater era um direito. Em algumas vilas e cidades sergipanas, como Japarutuba, Maruim e Aracaju, a situação não foi muito distinta da de Recife, pois as autoridades ordenavam a repressão e alguns policiais não cumpriam as citadas ordens, pois também participavam dos batuques. (AMARAL, 2007)

Na Corte, no alvorecer do século XIX, havia uma tolerância às danças dos escravos. Quando realizadas em festivais, as danças eram até apresentadas à corte. Para as autoridades, por conta dessas apresentações, os africanos reconheceriam o domínio do monarca. Entretanto essa tolerância não durou muito e o governo acabou proibindo as manifestações dos escravos, pois eram justificadas como sendo perturbações de ordem pública. Sendo preso quem descumprisse a lei. Desse modo, no Rio de Janeiro, também houve repressão às festividades negras. As codificações de 1838 mostram que as manifestações festivas negras, foram reprimidas pelas autoridades municipais. Após, esses códigos, ocorreram proibições as casas de Zungu e batuques, e de ajuntamentos ou locais públicos, além da normatização sobre a ocorrência dos batuques em locais de propriedade particular, casas ou chácaras. Durante um algum tempo as procissões das irmandades de escravos não foram proibidas, todavia, alguns anos até mesmo as procissões foram proibidas devido a supostas ameaças a ordem pública. (ABREU, 1999; SOARES, 2002; KARASH, 2000)

A história dos batuques não foi somente a de repressão. Na capital da Corte, no último quartel do século XIX, o samba começa ser inserido nos romances. E os jornais começam a pregar que o mesmo deveria ser experimentado e que era uma expressão popular, pois segundo os jornais várias pessoas de diversos segmentos participavam dos sambas cariocas. Para Jocelio Santos, nesse contexto começou o processo de nacionalização do samba, para isso distinguiu por completo, o samba do batuque e do candomblé. (SANTOS, 1997)

A partir do 13 de maio de 1888, as manifestações e comemorações, dos negros africanos aumentaram, a repressão foi um pouco diluída. Os

libertos do 13 de maio comemoraram em Sergipe a abolição com seus cantos e danças.(AMARAL, 2007;RESENDE, 2003) Mas com o início da república a população afro-brasileira vinha sendo “convidada” a esquecer suas memórias, considerá-las selvagens, e aceitar a civilização e principalmente o caráter de nacionalidade. Agora, as preocupações com a manutenção da ordem, a repressão aos batuques dos negros foram divididas com a nova identidade brasileira. Assim, as posturas municipais, além de proibir o batuque, o candomblé e outras manifestações africanas, também proibiam os negros de andarem pelas ruas seminus, ofendendo a moral das famílias e, as negras foram proibidas de estacionar suas gamelas ou objetos do seu comércio em qualquer ponto da cidade; não esquecendo, também, da proibição à embriaguez, xingamentos, e de se divertir depois das dez horas da noite. A resolução de 1889 permitia cantorias e festejos, desde que não houvesse atabaques e tambor. A autoria dessa resolução foi Dr. José Luiz de Almeida Couto que era professor da Faculdade de Medicina da Bahia e foi Presidente da Província. (SANTOS, 1997; SANTOS, 2007)

No entanto, mesmo na República, continuamos encontrando os batuques nas ruas, tavernas, no interior de residências ou roças; e a ação policial rodeava esses eventos. Os batuques baianos continuaram ocorrendo nas vizinhanças das igrejas, em episódios religiosos e cívicos como o 2 de julho. E essas manifestações culturais afro-culturais, ainda despertavam nas elites letradas da Bahia a mesma revolta que em períodos anteriores e esse dado pode ser visualizado nos jornais. (SANTOS, 2007; ALBUQUERQUE, 1996)

ENTRUDO, CARNAVAL E AFOXÉ

Além da repressão aos batuques, também podemos ver a repressão ao entrudo Este era uma diversão predileta de várias camadas da população . A única época do ano que as pessoas tinham permissão para atacar ou

pregar peças em seus pais, parentes, esposos ou amigos. O entrudo durava três dias, do domingo que antecedia a quarta-feira de cinzas a esse dia. Os negros aparecem participando do entrudo como coadjuvantes. (VIEIRA FILHO, 1997) Com a chegada da Família Real começaram a surgir os bailes carnavalescos que aos poucos foi substituindo a festa popular do entrudo.

Muitas foram as campanhas contra os entrudos - festa que molharia e sujaria uns aos outros com limões ou laranjinhas de cera recheadas com água perfumada, com recurso a seringas, gamelas, bisnagas, além do uso de polvilho, vermelhão, tintas, farinhas, ovos e mesmo lama, piche e líquidos fétidos.



Entrudo - Festa que divertia a população, Jean Baptiste Debret.

Os entrudos passaram a ser caracterizados como selvagens e ofensivos à civilização; e por isso deveriam ser proibidos. A elite escravocrata tentou substituí-los pelo carnaval que possuía uma estrutura à moda francesa como símbolo de riqueza, com préstitos luxuosos, bailes de mascarados e brincadeiras de rua onde reinaria a ordem, a alegria e a civilidade. Em 1859, o entrudo foi proibido na Bahia e com isso as autoridades começaram a estimular e investir em folguedos carnavalescos. As máscaras passaram a ser permitidas nesse contexto. Os clubes carnavalescos afastavam os perigos dos indivíduos maltrapilhos e errantes a desfilarem pelas ruas causando desordens e insultando as famílias. Todavia, na imprensa baiana, os negros continuam sendo personagens secundários dos folguedos carnavalescos. (VIEIRA FILHO, 1997)

As mudanças começam a ocorrer em 1895 quando os jornais noticiam a existência de clubes carnavalescos de negros como o Embaixada Africana. Entre 1895 e 1930 os jornais noticiam a existência de diversos mecanismos que os negros fizeram para se divertirem na festa que originariamente não era deles. Entre as organizações carnavalescas negras havia os clubes, blocos e cordões. Rafael R. Vieira Filho divide em três tipos as organizações negras que ocorriam nos carnavais. A primeira, os clubes uniformizados, como o Pândegos da África e o mencionado Embaixada africana; o segundo tipo, os nossos conhecidos batuques que as pessoas saíam no carnaval de saia e torço e de maneira espontânea; e o terceiro eram os afoxés, que eram as cerimônias públicas dos candomblés. (VIEIRA FILHO, 1997)

Sobre o primeiro tipo de organização é importante enfatizar o nome de um dos clubes, Embaixada Africana. Pois rememora as embaixadas dos negros brasileiros que representavam o encontro de cristãos com mouros, bem como as de reis e rainhas que saíam nas festas das irmandades. O clube citado utilizava os mesmos elementos dos clubes uniformizados das elites, pois anunciavam suas passeatas através de manifestos em jornais, a existência de clarins, de bandas tocando dobrados, carros de ideias (atuais carros alegóricos) que muitas vezes eram importados da Europa. Os jornais noticiavam que os clubes de negros mostravam os costumes africanos de maneira civilizada, pois abordavam a África utilizando os elementos do carnaval dos brancos, assim mostravam o Egito ou alguns reis africanos. Em um dos desfiles da Embaixada Africana, em 1897, um negro representando o Menelik, rei da Etiópia, foi o encarregado de levar o estandarte do clube. Ressalta-se que, nesse período, o citado rei era respeitado por alguns negros baianos pelo fato de ter garantido algumas vitórias dos etíopes contra as tropas colonizadoras italianas. Esse desfile mostrou que alguns negros baianos sabiam dos acontecimentos que ocorriam na África. Lembrando que alguns deles viajavam para a cidade de Lagos para negociarem. No mesmo ano, esse clube através do manifesto reivindicou uma indenização pelos negros mortos na Revolta dos Malês de 1835. (VIEIRA FILHO, 1997)

Para Vieira Filho, o carnaval se transformou para os negros baianos em um espaço de lazer, diversão, entretanto também era um momento de reivindicação e de mostrar uma África com uma imagem distinta da que era colocada aos poucos africanos que ainda existiam e seus inúmeros descendentes. Pois a África dos clubes era civilizada e culta. Através dos desfiles dos seus clubes os negros respondiam sobre a ideia de não adaptação à civilidade, pois tocavam instrumentos, domesticavam e conduziam animais, elaboravam e manipulavam espadas, tinham uma complexa organização política e administrativa, já que possuíam reis e secretários. Desse modo, através dos seus carros alegóricos, da indumentária cênica rica em referências africanas, atabaques, cantigas e alegria, esses clubes rivalizaram com clubes da elite branca. Em suma, esses clubes mesmo utilizando formas de expressão aceitas pela elite da época mantinham elementos da africanidade, fosse através do uso de alguns instrumentos, fosse através dos temas e da maneira que os mesmos eram abordados.

Os batuques foram tratados em grande medida nesta aula, e por isso pontuaremos alguns elementos sobre o afoxé, outra maneira dos negros se divertirem no carnaval baiano. Vieira Filho, citando Edison Carneiro, menciona que a origem do afoxé são os maracatus e as congadas, pois entrevistando um africano mencionou que alguns personagens nos afoxés lembram os cortejos dos grupos citados, como rei, rainha, guarda branca dentre outros. Dentre os instrumentos utilizados no Afoxé, tínhamos o agogô e as cabaças. E alguns dos grupos de afoxé baiano eram o Lanceiro de África e os Lutadores de África. Os famoso bloco de afoxé que persiste na atualidade, os filhos de Ghandi, foi fundado apenas em 1940. O afoxé seria o lado profano do candomblé, a festa pública que saíria nos dias do carnaval. Saíam com menos de 100 pessoas, dentre essas havia mulheres e crianças. (VIEIRA FILHO, 1997)



Foto do Afoxé Filhos de Gandhi.

CONCLUSÃO

No Brasil, houve inúmeras manifestações de festas negras ou festas com participação dos negros como os carnavais. Além dos batuques e sambas, dos entrudos poderíamos citar o maracatu, o quilombo, uma dança realizada em Alagoas ou ainda o Lambe-sujo que ainda ocorre em Sergipe. Essas festas e/ou danças tinham diversos significados. Ao estudar essas manifestações devemos atentar que eram diversas, e que mudaram no decorrer dos anos, sejam as pessoas que participavam, a língua que cantavam, os cantos dentre outros. Bem como se faz necessário perceber que os significados dessas festas eram diversos: lazer, manter autonomia dentre outros. Por fim, perceber que ao longo do século XIX essas práticas foram reprimidas por diversas razões, no entanto, resistiram e sobreviveram, obviamente, com alterações.

RESUMO

Diversas danças e festejos negros podem ser denominados de festas negras, dentre eles um dos mais marcantes foi o batuque se fez presente no Rio de Janeiro, Salvador, Recife e em Sergipe. Essas festas negras tinham diversos atores, como africanos de distintas nações e crioulos, além de mulheres e homens. Essa configuração passou por modificações na segunda metade do século XIX, após o encerramento do tráfico. E esses festejos tinham diferentes significados, permitiam manutenção de rituais que afirmavam a identidade étnica dos africanos, momento de lazer e quebra da rotina. Quando os batuques ocorriam era um período de autonomia e por esse motivo os africanos resistiram para que continuassem ocorrendo. Não havia um consenso entre as autoridades de como deveria tratar os batuques, alguns defendiam que deveria reprimir outros acreditavam que seria mais prudente permitir. As festas ocorriam em diversos lugares e preferencialmente nas vésperas de feriado. Em suma, essas festas eram momento de sociabilidade e de lazer para a população negra nos oitocentos em diversas localidades

Também temos a presença negra nos entrudos, carnavais e afoxés. Todos também se constituíram em espaços de lazer para a população negra.





ATIVIDADES

1. Leia com atenção a letra do samba que Jocelio Santos encontrou no Jornal Alabama de 1867 e posteriormente aponte os elementos que foram citados no decorrer da aula que podem ser encontrados no samba.

Minha gente venha ver
Um samba no calolé
Toca o prato a Calombo
E o cauzá toca o surdo-é (correto?)

Vae o Meirinho Sant'Anna
Para tocar violão
E o Teixeira da estrada
Pra dirigir a função

Maxi e Guardiano
São sócios d'estaf funcção
Vae Anacleto e o Chico
P'ra guardar o garrafão

Há moquecas de xangôs
Camarões e sururs
Também há peixe do rio
Vatapá e carurus

Toca Viola Mendonça
Rufa o pandeiro o Bitu
Foló Coloia e Dodô
Dançam hoje o caxambu

Faz a sorte da garrafa
A da Massa e a Tranquilina
Tiram chulas – bomba d'agoa
Vacca brva e Ursulina

Este samba é hoje dado,
Segundo disse o Maxi,
Porrque faz aniversario
Que surdo-é veiu pra qui

Cada mulher deu um prato
So quem não foi da Massa
Vinho não, que surdo-é deu
Dous garraf~eos de caxaça

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Nesta atividade o aluno deverá atentar para as expressões, pois elas indicarão elementos que foram comentados no decorrer da aula.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula veremos algumas características das religiões praticadas por africanos e seus descendentes no século XIX.



AUTOAVALIAÇÃO

Conseguí perceber a diversidade das manifestações culturais negras do século XIX com seus diversos significados? Conseguí compreender os motivos terem sido perseguidas?



REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, São Paulo: FAPESP, 1999.

ALBUQUERQUE, Vlamyra. Santos, deuses e heróis nas ruas da Bahia: identidade cultural na Primeira República”. In: **Afro-Ásia**, 1996, p. 103-124.

AMARAL, Sharyse Piroupo. **Escravidão, liberdade e resistência em Sergipe**: Cotinguiba, 1860-1888. 2007. 272f . Tese (Doutorado em História) Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

JESUS, Ana Carla. **Construindo a liberdade**: entre conflitos e alianças, quilombolas (re) inventam sua história na região da Cotinguiba (1870-1879). 2008. 76p. Monografia (graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2008.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**; São Paulo: Companhia das Letras, 2000. tradução Pedro Maia Soares.

MAIA, Clarissa N. **Sambas, batuques, vozerias e farsas públicas**: o controle social sobre os escravos em Pernambuco no século XIX (1850-1888). Dissertação de mestrado, Recife, 1995.

RAMOS, Artur. **O folclore negro do Brasil**. 3ed. São Paulo: WMF Martins

Fontes, 2007.

REIS, Demian Moreira. **Dança do quilombo**: os significados de uma tradição; UNICAMP.

REIS, João José. Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In: **Carnavais e outras f(r)estas**: ensaios de história social da cultura. CUNHA, Maria Clementina (org). São Paulo: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002. pp.101-155.

RESENDE, José Mário dos Santos. **Entre campos e veredas da Cotinguiba**: o espaço agrário em Laranjeiras (1850-1888). São Cristóvão, 2003. UFS/NPGeo. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe.

SANTOS, Edmar Ferreira. **Sambas, batuques e candomblés em Cachoeira-Bahia**: a construção ideológica da cidade do feitiço. Dissertação de Mestrado, Salvador, 2007.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Divertimentos estrondosos: batuques e sambas no século XIX. In: **Sansone, Lívio, SANTOS; Jocélio Teles dos** (orgs.). **Ritmos em trânsito: sócioantropologia da música baiana**. São Paulo: dynamis editorial; salvador, Ba: programa a cor da Bahia e projeto s.a.m.ba, 1997, pp.15-38.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 -1850)** 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons dos negros no Brasil. cantos, danças, folguedos**: origens. São Paulo: ed 34, 2008.

VIEIRA FILHO, Raphael R. Folguedos negros no carnaval de Salvador (1880-1930). In: SANSONE, Lívio; SANTOS, Jocélio Teles dos (orgs.). **Ritmos em trânsito: sócioantropologia da música baiana**. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador: Programa a Cor da Bahia e Projeto SAMBA, 1997, p.39-57.